

POLÍTICAS DA PATRIMONIALIZAÇÃO ENTRE OS MAPOYO: DINÂMICAS LOCAIS NA NEGOCIAÇÃO DA MODERNIDADE

ELIS MEZA¹; LÚCIO MENEZES FERREIRA³

¹ PPGMP, Universidade Federal de Pelotas 1 – meza.elis@gmail.com

³ PPGMP, DAA, Universidade Federal de Pelotas/Bolsista de Produtividade do CNPq – luciomenezes@uol.com.br

INTRODUCCIÓN

Os Mapoyo, grupo indígena localizado no estado Bolívar e que conta atualmente com uns 400 indivíduos, foi descrito pelos antropólogos desde meados do século XX, como um grupo “á beira da extinção” (CRUXENT, 1948), “altamente aculturado” (HENLEY, 1975); e, portanto, em vias da sua “iminente morte cultural” (PERERA, 1992). Contra ao que se esperava, no ano 2012 foram a primeira comunidade indígena a propôr e construir um museu comunitário, onde identidade cultural e território são os temas centrais. Igualmente, em novembro de 2014, foi anunciada a aceitação da “A tradição oral Mapoyo e seus referentes simbólicos no território ancestral” na lista de Salvaguarda Urgente da UNESCO. É o único patrimônio imaterial indígena da Venezuela representado em um “haut lieu” patrimonial, que é como geralmente é entendido um reconhecimento internacional desse nível, comportando o que se pode chamar de uma “cultura exemplar” (DAVALLON, 1991). Particularmente nos interessa dar atenção ao dinamismo dos processos culturais, fortemente transversalizados pela agência dos grupos, os quais a partir de suas práticas “indigenizam” a modernidade (SAHLINS, 1993), isto é, a traduzem, a apropriam segundo suas próprias lógicas e a negociam atendendo a seus próprios interesses. Consideramos que neste caso se evidencia uma re-estruturação constante das estruturas (BOURDIEU, 1977) a partir da eficácia simbólica da etnicidade na produção de eficácia política (POUTIGNAT y STREIFF, 1997:126). A incorporação deste acontecimento, no discurso Bolivariano tem particularidades interessantes dado que maneja por um lado retóricas multiculturalistas e, de outro lado, converte-o em um símbolo para legitimar as políticas estatais internacionais. Estas complexas interações entre o local, o nacional (na figura de instituições estatais de cultura) e o global (organizações internacionais de patrimônio), faz-nos situar em uma perspectiva revisionista e contextual dos processos de patrimonialização, para evitar as tensas dicotomias dos discursos de homogeneização cultural e de multiculturalismo (ARMSTRONG-FUMERO, 2005).

METODOLOGÍA

Com o propósito de abarcar diversas esferas de ação, propomos realizar uma etnografia multisituada do processo de patrimonialização dos Mapoyo. Espera-se que a investigação “tome trajetórias inesperadas... através de seus múltiplos lugares de atividade” (MARCUS, 1995:96). Tomamos em conta a crítica de Comaroff e Comaroff (2010:6) quando observam a pouca pertinência da separação de: “comunidades locais de sistemas globais, a descrição densa de culturas particulares da narrativa rala dos eventos mundiais”. Igualmente,

consideramos importante a abordagem diacrônica para a análise de fenômenos contemporâneos (SAHLINS, 1993). Levando esta proposta a uma perspectiva mais sólida, afirmamos que “não deveria haver nenhuma “relação” entre história e antropologia, já que para começar, não deveria haver divisão entre elas” (COMAROFF Y COMAROFF, 2010:16). A aproximação com a análise de documentos -que em nosso caso consiste em etnografias, textos políticos e arquivos oficiais referentes à realização do Museu Comunitário Murukuni e à candidatura ante a UNESCO- não será “extrativa” senão etnográfica, isto é, nos interessa como objeto e não simplesmente como fonte (STOLER, 2010). Isto tem especial relevância quando reconhecemos que as etnografias, assim como os documentos institucionais acerca do patrimônio cultural, são lugares de produção de “regimes de verdade” (FOUCAULT, 2005), imbuídos em uma autoridade que que contribui na conformação das hierarquias culturais e a naturalização de categorias. Poderia dizer-se então que o patrimônio cultural é uma “tecnologia de governo”, noção foucaultiana que nos convida a prestar particular atenção aos seus efeitos no ordenamento do mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em uma fase inicial de revisão bibliográfica teórica, metodológica e de estudos de casos que permitam ampliar e refinar a visão com a que foi originalmente proposto o projeto. Nesse sentido, abordagens sobre o patrimônio cultural desde a antropologia política têm sido especialmente relevantes, assim como discussões em filosofia política. Partindo desses aportes, temos realizado uma revisão da própria experiência etnográfica na colaboração com o Museu Comunitário, assim como a participação em investigações posteriores no território dos Mapoyo. Assim, tem possibilitado questionar conceitos que estavam de certa maneira “naturalizados” como o de “comunidade”, por exemplo. De modo que temos considerado necessária a discussão sobre a “autoridade” e as políticas de representação não só a nível nacional e global como também na relação com os grupos locais, tomando em conta as interações que estabelecem com outras “comunidades”, como as de acadêmicos e funcionários, todas as quais desenvolvem agendas particulares. Para o estabelecimento dessas diferentes esferas, temos realizado uma compilação dos documentos que poderemos analisar “como campo” (STOLER, 2010). Isto inclui a discussão de críticas às constituições taxonômicas e normativas do patrimônio e sua criativa utilização política por uma comunidade indígena, a qual, como já afirmamos, passou de ser considerada antítese da “indianidade” a ser exaltada pelo governo bolivariano como um “orgulho nacional”. Tal mudança, tem lugar no marco de modificações constitucionais que analisaremos em nosso estudo, posto que têm sido relevantes em sua intenção de dar uma maior visibilidade e poder político às “comunidades ancestrais” ou “originárias”. Não obstante, tais definições que partem de essencialismos, e que geralmente são utilizadas em discursos de “resistência” e “luta” frente ao colonialismo europeu, servem para articular a legitimação das atuais –e certamente contraditórias- “políticas anti-imperialistas”. De seu lado, os Mapoyo têm conseguido conduzir “estratégias” étnicas y políticas para se articular com sucesso aos diversos programas estatais vinculados a desenvolvimento produtivo, educação e demarcação de terras, entre outros (SCARAMELLI Y TARBLE, 2000). É esta diversidade de perspectivas que procuraremos analisar nessa esta investigação.

CONCLUSÕES

A ênfase nas negociações os Mapoyo tem estabelecido no interior do que se chama indigenização da modernidade tem relevância para aprofundar os entendimentos relativos à constituição do patrimônio cultural como categoria, onde as relações de poder se manifestam em diversas escalas e de maneira multidirecional. Desse modo, a reflexão sobre os usos políticos da etnicidade por meio da patrimonialização resulta de interesse em um contexto nacional como o venezuelano, tendo-se em vista as dialéticas nas retóricas estatais e a auto-representação cultural em um espaço de intersecção privilegiado que é o patrimônio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMSTRONG-FUMERO, F. A Heritage of ambiguity: the historical substrate of vernacular multiculturalism in Yucatán, México. En **American Ethnologist** 36 (2)300-316, 2009.
- BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Cambridge University Press.1977.
- COMAROFF, J y COMAROFF, J. Etnografia e imaginação histórica. Tradução de Dulley, I e Janequine, O. En Revista Proa, N2 (1):1-72, 2010.
- Cruxent, J, M. Datos demográficos. En **Memorias de la Sociedad de Ciencias Naturales La Salle** 21: 64-68, 1948.
- DAVALLON, J. Produire les haut lieux du patrimoine. En Micoud A, **Des Haut-Lieux. La construction sociale de l'exemplarité**. Paris, Ed. Du CNRS. 85-102. 1991.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Editora Paz y Tierra. São Paulo. 2005.
- HENLEY, P. Los Wanai (Mapoyo). En **Los Aborígenes de Venezuela**, vol 2. Walter Coppens Editor. Fundación La Salle. Caracas. 1975.
- MARCUS, G. Ethnography in-on the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology** 24:97-117, 1995.
- PERERA, M.A. Wanai. Contribución al conocimiento de otro pueblo amerindio que desaparece. En **Revista Española de Antropología Americana** 22:139-161, 1992.
- POUTIGNAT, P y STREIFF, J. **Teorias da etnicidade**. UNESP. São Paulo.1997.
- SAHLINS, M. Goodbye to tristes tropes: ethnography in the context of Modern World History. **Journal of Modern History** 65 (1); 1-25, 1993.
- SCARAMELLI F, TARBLE, K. Cultural change and identity in Mapoyo burial practice in the Middle Orinoco, Venezuela. **Ethnohistory** 47 (3-4):705-730. 2000.
- STOLER, Ann. Archivos coloniales y el arte de gobernar. **Revista Colombiana de Antropología** 46 (2): 465-496. 2010.